

Orfeu revive nos palcos

Montagem de texto de Vinicius segue intacta em sua essência, garante diretor

Camilla Sanches

camilla.sanches@jornaldebrasil.com.br

Ambientado nos morros do Rio de Janeiro, em pleno Carnaval, o musical Orfeu volta aos palcos depois de 56 anos com trilha sonora reorganizada e acréscimo de novas cenas ao texto original. A essência criada por Vinicius de Moraes e musicada pelo maestro Antônio Carlos Jobim não sofreu alteração. "O texto original segue intacto. O que acrescentei foram cenas que o autor apenas sugeria", detalha o diretor Aderbal Freire-Filho sobre a montagem, que estreia hoje em Brasília, com três apresentações,

na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional, até domingo.

Uma das novidades no texto de Vinicius foi a inclusão de algumas personagens, como o próprio poetinha, a quem Wladimir Pinheiro dá vida. A inserção é em homenagem ao autor do musical. "Não é uma representação propriamente dita, mas o uso dessa pessoa possibilitará a leitura de alguns poemas, por exemplo. Foi uma forma de colocar o poeta em cena", justifica o diretor.

Com as inserções cênicas surgiu a necessidade e a possibilidade de trabalhar novas músicas do repertório da dupla Tom e Vinicius. Ao lado de Jaime Alem, Jaques Morelenbaum assina a direção musical e explica: "A incorporação de novos personagens e novas cenas fez esse leque se abrir e pudemos acrescentar outras peças do trabalhos dos compositores à montagem atual."

Chega de Saudade, Este Teu Olhar, O Que Tinha de Ser, Garoto e Samba do Avião foram algumas

das selecionadas. Filho de Tom, Paulo Jobim participou ativamente do processo de escolha das composições. Água de Beber, outra que não estava na trilha original, foi o tema escolhido para embalar cena que se passa no Bar Amarelinho, localizado na Cinelândia, próximo ao clube Maiorais do Inferno. Esta cena era apenas sugerida no texto de Vinicius e, com a leitura de Freire-Filho, tornou-se parte da nova montagem.

Tanto Morelenbaum quanto Alem estarão na banda que executa a trilha sonora ao vivo, composta ainda por Rômulo Gomes, no baixo; João Carlos Coutinho, no teclado; Marcelo Bernardes, nos sopros; Ronaldo Silva, na bateria; e Zero Telles, na percussão.

ELENCO

A história da paixão que uniu os corações de Orfeu (Érico Bras) e Eurídice (Aline Nepomuneno) levou ao tablado, pela primeira vez na história do teatro brasileiro, um grupo composto só por

atores negros. Ameaçados pelo ódio e rancor dos ex-namorados, Mira e Afísteu (interpretados por Jéssica Barbosa e Milton Filho), o casal acaba separado com a morte de Eurídice.

Para viver o protagonista, foi escalado o ator Érico Bras, conhecido nacionalmente como o Reginaldo do filme e série da Rede Globo O Pai, Ó. "Esse texto marca a dramaturgia brasileira, por isso me sinto agraciado em fazer este personagem. Me vejo na obrigação de fazer algo à altura do que foi feito 50 anos atrás", diz o ator. "Sabemos que o Rio atual não é o mesmo daquela época, mas as adaptações do Aderbal (diretor) não tiraram a originalidade da história de Vinicius, porque ela é atemporal", sentença.

Isabel Filardis, Thatiana Paung, Maria Salvadora, Eduardo Cantão, Dandara Mariano, Édio Nunes, Márcio Vieira, Patrícia Costa, Pedro Lima, Rodrigo França e

Verônica Bomfim são os outros atores que completam o elenco.

No texto original, o nome da peça era Orfeu da Conceição e a estreia foi em setembro de 1956, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. O espetáculo marcou a parceria da dupla, que virou emblema da bossa nova. O musical nunca mais foi remontado até agora.

"O musical é baseado num mito, portanto, ele é perene, um modelo eterno. Orfeu conquista todo mundo com a força da sua música. É uma peça sobre o poder da arte", define o diretor, que esteve por aqui há duas semanas com a comédia Centenárias. Os cenários são de Marcos Flaksman. A iluminação de Maneco Quindere e a coreografia de Carlinhos de Jesus.

Orfeu - Hoje e amanhã, às 21h, e domingo, às 19h30, na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional. Ingressos: R\$ 80 (inteira). Informações: 3325-6256. Não recomendado para menores de 16 anos.

SAIBA +

O ator Érico Bras começou a carreira em 1988, na companhia de teatro amador EPA, um grupo da Comunidade Fazenda Coutos, bairro do subúrbio de Salvador.

Em 1999, ingressou no Bando de Teatro Oludum, com o qual atuou em 11 peças e onde conheceu o ator e amigo Lázaro Ramos.

Segundo o ator, a personagem marcante de

sua carreira foi Abdu, um senegalês mudo que ele interpretou em *Africanos* - espetáculo que passou por Brasília em novembro do ano passado.

Aos 31 anos, 11 deles como profissional, o ator carrega no currículo os filmes *O Pai, Ó* (Monique Gardenberg), *Quincas Berro D'Água* (Sérgio Machado) e *Jardim das Palhas Sagradas* (Pola Ribeiro), lançado este mês no Festival de Cinema do Rio.



Érico Bras e Aline Nepomuneno reconstroem o amor entre Orfeu e Eurídice a partir de canções de Tom e Vinicius